

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE BELAS ARTES – EBA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

Avalanche

**Disciplina: Laboratório de Experimentação Fotopoética**

**Curso: Doutorado em Poéticas Interdisciplinares**

**Professor: Carlos Murad**

**Aluno: Carlos Eduardo Felix da Costa**

**Ano: 2009**

**Introdução**

*O ímpeto do homem em direção às ilhas retoma o duplo movimento que produz as mesmas ilhas. Sonhar com ilhas, pouco importa se com angústia ou alegria, é sonhar que se separa, que já se está separado, longe dos continentes, que se está só e perdido – ou então é sonhar que se volta à estaca zero, que se recria, que se recomeça.*<sup>1</sup>

*Gilles Deleuze - Causas e razões das ilhas desertas*

Esta monografia é a análise do trabalho escultórico *Avalanche*, realizado no decurso desta disciplina. Encontraremos aqui a reunião de material textual, que as discussões em sala de aula suscitaram sobre o projeto. Grande parte delas foram fruto da generosidade de colegas e inspiradas pelas leituras selecionadas. Sem este auxílio e oportunidade teria sido ainda mais difícil vencer as camadas de sedimento que se acumularam.

Cada trabalho deve representar um desafio. Deve ser um exercício de inquietação e inconformismo, que na proporção das novas questões que inaugura, precisa corroer o frágil casco do arcabouço intelectual que acreditamos ter construído. Do esforço de reparar os furos gerados pelo filho revoltado, é que exercemos a verdadeira condição de criadores e aproveitamos o privilégio de recomeçar. Obras sinceras são o acúmulo dos erros, acertos e dúvidas que enfrentamos durante suas realizações.

Com este projeto não foi diferente. O mesmo exigiu o contato com procedimentos técnicos, logísticos, materiais e filosóficos inéditos. Estamos falando de uma estrutura em aço e madeira de 700 quilos, que ocupa apertadamente uma sala de 40 metros quadrados, e construída – com exceção de quatorze martelos – apenas com matérias-primas. Entre planejamento e execução somaram-se seis meses de trabalho, incluindo: a parceria com um engenheiro mecânico, a consultoria de um profissional da área de som e o suporte financeiro de uma galeria de arte. Esta união cuidou da chegada ao mundo da parte estrutural da peça, enquanto que outros aliados cuidaram de garantir alimento para o espírito criador e demonstrar que *vale a pena*.

No entanto, uma grande parte do processo dependeu exclusivamente de mim e representaram a parcela de risco e exploração que tanto estimo. Os fragmentos de textos registrados a seguir, são partes do diário deste cruzeiro solitário. Alguém que escolheu rumar para as suas ilhas desertas a procura de tesouros e de si, sem saber ao certo como chegar, e mais ainda, como retornar.

---

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles. *A Ilha Deserta e Outros Textos*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004. Página 07.

## 1. As condições fundamentais para a semelhança

Não há como evitar o malefício, na verdade o desejo, quero incorporá-lo. Quero saber do que sou feito e dependo de um contato áspero para tal. O movimento se dá em etapas: aproximação, união, saturação e dissipação. Seguido de eco, silêncio e vazio. O que não significa o fim, porque é do eco retornar, mas aqui, não mais em som, em revelação. Algo é exposto e sentido transcorrido algum tempo.

São de muitas qualidades essa reverberação. Lenta, veloz, harmônica, dissonante. Somos varridos e lançados ao fundo da alma por esta força. Mas uma vez lá, o que se prova é de sabor tão raro e sagrado, que uma vida em busca dos sonares no mundo que possibilitem essa provocação, não é em absoluto, um desperdício. E tudo começa pela entrada em seu campo gravitacional.

A aproximação com a estrutura não é fácil. Apesar de sedutora em sua geometria, a rigidez e a escala dos materiais empregados sugerem que vetores menos amistosos também atuam ali. Estamos intimidados, porém curiosos demais para recuar. Mas deveríamos hesitar, *saborosamente*, deveríamos. É uma parte importante do jogo, mas que só a aproveitaremos em um segundo contato, quando mais experientes. Disso falaremos mais a diante<sup>2</sup>. Retornemos.

Vencido o temor, preparamos a primeira disposição de parafusos e nos encaminhamos à alavanca. Há excitação e expectativa perante as conseqüências. Perturbaremos o entorno ou mais a nós mesmos? Qual a finalidade de um evento, em que até mesmo antes de começar intuímos o perigo? Será isso que o torna mais interessante? Ao girar, a impressão se confirma: estávamos na iminência de uma ruptura. O processo é irreversível, agressivo e atravessa a carne impetuosamente. Mas como um cachorro que morde com mais força ainda o próprio rabo, crendo que a dor é causada pelo inimigo que persegue, não conseguimos parar, e produzimos mais ciclos tentando fazer com que a estrutura sofra com o que causou. Neste ponto não há pensamento, apenas sensação e não damos conta de que tudo o que libertamos, se volta sobre nós mesmos. Causa e efeito estão indistintos e estamos em dois lugares ao mesmo tempo. Somos a superfície de um lago absorvendo a ferida de uma pedra lançada, ao mesmo tempo em que somos aquele que a atirou. Morremos um pouco, ao mesmo tempo em que damos a luz a nós mesmos. *Vivante e mortante*, divindade e pecador. “Um bronco não percebe *eros* nenhum num

---

<sup>2</sup> Texto número dois desta monografia.

champanhe fino; um feiticeiro pode se embriagar com um copo d'água".<sup>3</sup> Estes somos nós, ambos, ao sorver os efeitos de nossa escolha.

O estímulo é intenso demais para continuar indefinidamente. Em algum momento paramos. Abalados e surdos. No entanto, o mergulho ainda não acabou e será vivido em silêncio na ponta final de um processo turbulento, que anuncia o início de seu correspondente invertido. Agora, uma força muda ecoa terminando de desorganizar o que o impacto não conseguiu expor. Muito sedimento é fabricado, entulho, sujeira. Os sentimentos ficam desorganizados, espalhados pelo chão da cozinha e sentimos *demais*. Nosso mundo temporariamente caiu e voltamos ao início. Retornamos a um estado mais primitivo, mais simples, inocente e não por isso menos belo, quando ainda não havia nomes para as coisas. Paixão, ódio, egoísmo, altruísmos, artista, caçador e guerreiro sentados novamente na mesma mesa sem hierarquias. Do garimpo para recomeçar, a oportunidade de erigir-nos combinados a materiais sutis e misteriosos. Pó de estrelas, damascos secos, mirra e veludo. Cacos de vidro, sêmen, ganância e assassinato. O reto e a curva. Para alguns um exercício condicional de vida, a chance de um novo início, para outros uma tortura a se evitar.

## 2. Repetição

Já sabemos o que pode acontecer. Mas continuamos, intuímos que o que ocorreu não se esgotou, que ainda há mais. Da primeira vez fomos apanhados ingenuamente, um evento sem antecedentes nos cooptou. Na vez seguinte, somos voluntários e novas compreensões surgirão daquilo que atravessamos acreditando ser um conjunto só. Agora podemos dividir a experiência em etapas e aproveitar cada uma a seu modo, do mesmo jeito que aprendemos a saborear com tensão a subida do carrinho antes da queda inevitável numa montanha-russa.

O antes se torna muito importante, muito mais que na vez inaugural. É o momento em que ainda podemos recuar, em que corpo e mente ainda estão alinhados, quando a ruptura se der, fragmentarão. Por isso mesmo a aproximação merece nossa atenção. Ela é deliciosa, e se torna cada vez mais, a medida que aprendemos a criar condições para saltar no vazio.

Refazemos todo o ritual, só que conscientes. Optamos por intervalos de silêncio, intensidade de sons, agudos e graves; se queremos pulsões distintas ou combinações atordoantes. Alguns deixam o exercício mais a mão do acaso –

---

<sup>3</sup> BEY, Hakim. *Caos – Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. Página 75.

aproveitando algo do que foi deixado – enquanto que outros orquestram cada compasso. Vamos até onde suportamos. Mas isso não garante muita coisa, são antecipações, projeções de futuro, portanto, incertas e já sabidas trágicas. A profundidade do golpe é *do golpe*, não nossa, onde ele irá acertar está acima de nós.

Finalizada esta parte nos encaminhamos a manivela. Apesar de sabermos que muitos dos dispositivos que controlam fluxo são desdobramentos, mais ou menos sofisticados de manivelas, segurar uma tão francamente afirmada nos dias de hoje é um evento raro. Traz à memória a infância; o moedor de cana, o poço, o balde, a roda d'água, a madeira lentamente afundada pela pega forte. A honestidade das operações simples e do labor. Traz também o tempo em que não éramos bons moços e as travessuras eram a coisa certa a se fazer. Por alguns instantes olhamos cerrado para os lados com o mesmo intuito de quando checávamos desejosos de saber se havia alguém para presenciar nossa mal criação. Ficávamos ambivalentes, temíamos ser delatados, mas do que valia toda a valentia sem testemunhas para propagar nossas façanhas? Entre o anonimato e a fama, fiquemos com a segunda.

Estamos a um gesto da ruptura. A um gesto de sermos soterrados. Que tênue fenda a ser saboreada! Quanto calculo e geometria para libertas o caos! Somos o *matador no tercio de muerte*. Nos alinhamos em frente a nosso adversário após “enquadrá-lo” e estamos prontos para o golpe final. Mais um movimento apenas... quando este finalmente se dá, entendemos que aqui o touro sempre ganha. Fúria, depois silêncio. Porém, somos inacreditavelmente poupados pela misericórdia de nosso algoz. Mas já não somos mais os mesmos. Carregamos daquele momento em diante uma ferida, indelével, mas nem por isso invisível de nossa indolência. Com o tempo será uma cicatriz, a marca de um encontro fatal, um índice de nosso crime exemplar que deve ser exibido com orgulho.

### **3. Febre**

O temor a princípio é bem vindo. Está presente porque é vestígio do esforço e dos riscos enfrentados, do compromisso e do cansaço. Levar um gesto até suas conseqüências finais é agonizar em incertezas e apostas caras até o último instante, é sacrificar-se em fé na transcendência e perpetuar a fábula fênica, que criadores antes de nós viveram para ultrapassar a si mesmos. Se crio e me consumo, recrio a mim mesmo, assim nos foi ensinado. O pleno ou o nada sempre.

No entanto, aqui já estamos maduros, já aprendemos como converter as cinzas de nossa combustão em argila para a tomada de formas. Quando ainda somos jovens, o que prevalece é apenas o ímpeto de lançar-se à vivência de situações de gozo e punição, cujo objetivo maior é repetir, retornar à desobediência e endurecer a carne com os golpes do castigo. Não há somente inconsequência aí, somos mal criados e quebramos nossos brinquedos na tentativa de entendê-los, saber do que são feitos, revelar seus segredos. Na impossibilidade, acabamos aprendendo mais sobre nós do que sobre as coisas. Mais sobre o que carregamos das coisas e como nos transformar através de processos que as incluam. É também, nestas situações que forjamos a resistência, a resignação e nos acostumamos com a solidão e perplexidade de nossos irmãos e irmãs. Vivências em que vestimos nosso Prometeu particular e iniciamos o pagamento do tributo por aquele que nos inflou de calor, inquietação, astúcia e tolice. Portanto, me pergunto se somos atraídos para o mito motivados apenas por ânsia de conhecimento. Buscamos mesmo saber mais que nossos pais e mestres, ou somos movidos pela nostalgia da contravenção e o questionamento da autoridade? Por todas estas razões cremos. Há generosidade e solidariedade naquilo que fazemos, mas também existe o desejo de manter acesa a fogueira da inquisição infantil e da desobediência. Brasas em que fomos tantas vezes lançados, mas que hoje aprendemos a andar sobre. Chamemos isso de forja.

Ignorar este aspecto turvo do exercício da criação é desconsiderar uma importante fonte de energia, é não aceitar que para chegarmos as coisas *certas*, devemos recuperar o aprendizado com o *errado*. O desejo de dominar as forças do mundo através da fagulha iluminadora da inteligência, mas que também advém de desobediências sagazes e bem associadas. Anarquismo com disciplina é o que se pode esperar de mais potente de um criador. Uma vez que se pratica roleta russa e se aprende a levantar após o tiro, instalam-se os delírios da *shotgun fever*; a vontade de apertar o gatilho outra vez.

## **Conclusão**

Todas as pequenas fábulas redigidas aqui são tentativas de dominar um fenômeno maior. A perplexidade sentida por uma experiência proeminentemente física e não racional. É próprio de nossa tendência à organizar o mundo refletir retrospectivamente sobre eventos a procura de paralelos com outros que vivenciamos. Para tanto, realizamos projeções, comparações, retornos no tempo, na história. Mas somos morcegos voando às cegas em busca de ecos distantes, sempre em demérito com a experiência real. Descrevemos e damos identidade aquilo quem nem sequer sabermos do que se trata. Tentamos domesticar os fatos,

domá-los, são insuportáveis demais como são. Porém esta é a única maneira que conhecemos para continuar. Alguns optam por abafar estas forças pelo torpor de uma vida menos surpreendente, outros usam tais experiências como substrato para novas formas.

Não realizei algo de valor, minha construção foi apenas uma arma de espoleta, só faz barulho. Só irrita. Expões meu lado malcriado da maneira mais ingênua, tola até. Mas com sorte, irá estimular outros criadores a continuar. O ciclo deve prosseguir. Ela me fez estar nas duas pontas de seu processo, fui quem a gerou, mas também aquele levado a refletir, o mais afetado. Tive a oportunidade de debruçar-me sobre os eventos e os objetos responsáveis por corromper meu espírito e viciar-me em experiências extremas que persigo com terror e fascínio na vida adulta. Não raro visito terrenos em que parece mais importante provar a mim mesmo o que sou capaz de suportar, do que a contribuição intelectual conseqüente desta busca. Não por vaidade, mas por curiosidade. Todo conhecimento vem acompanhado de uma série de concessões e sacrifícios, cuja intensidade parece ser proporcional a seu valor.

Somo obrigados a ter o sofrimento como companheiro fiel. Mas faríamos diferente? Acredito que não. Ao mesmo tempo em que existe dor, há ganhos infundáveis. Mas não são todos dispostos a pagar o preço e nem capazes de apreciar o lucro do botim. Não há superioridade, apenas apreço por sabores mais ácidos.

## BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma Poética do Fogo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

BEY, Hakim. *Caos – Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

DELEUZE, Gilles. *A Ilha Deserta e Outros Textos*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

LEIRIS, Michel. *Espelho da Tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

